



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
HABILITADO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
PROF. MA. MARIANA CAPELETTI CALAÇA

ALYNE OLIVEIRA MAGALHÃES

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO DE PUNK ROCK “RIOT GRRRL” PARA A
COMUNICAÇÃO FEMINISTA: produção da zine “rebel girl”**

GOIÂNIA

2022

ALYNE OLIVEIRA MAGALHÃES

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO DE PUNK ROCK “RIOT GRRRL” PARA A
COMUNICAÇÃO FEMINISTA: produção da zine “rebel girl”**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Estudo realizado no 8º período do curso Habilitado em Publicidade e Propaganda na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Publicidade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás da Escola de Direito, Negócios e Comunicação com a finalidade de aprendizado sobre a área.

Orientadora: Prof. Ma. Mariana Capeletti Calaça

GOIÂNIA

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
HABILITADO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALYNE OLIVEIRA MAGALHÃES

**A CONTRIBUIÇÃO DO MOVIMENTO DE PUNK ROCK “RIOT GRRRL” PARA A
COMUNICAÇÃO FEMINISTA: produção da zine “rebel girl”**

Data da Defesa: 08 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Ma. Mariana Capeletti Calaça

Examinadora convidada: Prof. Ma. Luciana Ferreira Serenini Prado

Examinadora convidada: Prof. Ma. Jullena Santos de A. Normando

GOIÂNIA – GO
DEZ/2022

RESUMO:

O “Riot Grrrl” foi o nome dado ao movimento de punk rock feminista que teve início no início da década de 1990 em Olympia, Washington. Foi um movimento de subcultura que combinou uma visão social feminista com o estilo musical e política punk e é frequentemente associado com a terceira onda do feminismo. Assim, o objetivo central do presente trabalho é de analisar quais foram as principais formas de comunicação utilizadas no movimento “Riot Grrrl” e como elas contribuíram e impactaram os movimentos feministas de rock hoje. Propõe-se, então, através dos métodos histórico e monográfico e da coleta de dados, apresentar a história do movimento ‘Riot Grrrl’ e entender sua importância no cenário da comunicação, investigar e as principais ferramentas de comunicação publicitária utilizadas durante o movimento ‘Riot Grrrl’ e comparar as formas de comunicação utilizadas na época para difundir o movimento e as formas de comunicação nos movimentos de rock feministas de hoje em dia.

Palavras-chave: feminismo; movimento “Riot Grrrl”; comunicação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
1.1. APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	06
1.2. PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO A SER SOLUCIONADO	06
1.3. OBJETIVO DO PRODUTO COMUNICACIONAL	06
1.4. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA	06
2. EMBASAMENTO CIENTÍFICO QUE FUNDAMENTE A PROPOSTA	07
2.1. FEMINISMO	07
2.1.1. As Precursoras do Movimento Feminista	08
2.1.2. As Ondas do Feminismo	10
2.2. ROCK	13
2.2.1. Origem do Rock	13
2.2.2. Feminismo no Rock	14
2.2.3. A Música de Protesto	15
2.3. MOVIMENTO RIOT GRRRL	16
2.4. MOVIMENTO “RIOT GRRRL” E SUAS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO	18
2.5. CIBERATIVISMO E A MÚSICA	23
2.5.1. Conceito de Ciberativismo	23
2.5.2. Ciberativismo e a Mobilização Social	24
3. ESTUDO DE VIABILIDADE	25
4. PROCESSO DE CRIAÇÃO	32
5. PROCESSO DE PRODUÇÃO	33
6. PROCESSO DE VERIFICAÇÃO	35
7. RELATO DE EXPERIÊNCIA (CONCLUSÃO)	43
REFERÊNCIAS	44
ANEXO	47

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

Através do estudo realizado a respeito do movimento Riot Grrrl e sua contribuição no movimento feminista no TCC I, chegou-se a conclusão que, com intuito de dar continuidade ao estudo, será realizada a produção de uma série de 3 zines com as seguintes temáticas: Zine 1 – Feminismo no Rock; Zine 2 – O Movimento Riot Grrrl; Zine 3 – Riot Grrrl na Atualidade.

1.2. PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO A SER SOLUCIONADO

Utilização da fanzine para demonstrar a necessidade de um meio alternativo e acessível para divulgar e propagar o movimento Riot Grrrl e seus ideais.

1.3. OBJETIVO DO PRODUTO COMUNICACIONAL

Através da série de Zines “Rebel Girl”, busca-se trazer cada edição com um tópico diferente dentro dos assuntos mais abordados pelo movimento. Assim, foram produzidas 3 zines, no formato impresso e digital.

O formato impresso tem o intuito de resgatar a proposta do movimento da década de 90 quando os meios digitais ainda não eram acessíveis como são hoje. Assim, o formato digital complementa e traz as zines para a atualidade fazendo com que tenhamos uma proposta que conversa as raízes do movimento mas também não fica para trás no quesito atual.

Tendo isso em vista, o objetivo das zines é fazer com que as pessoas conheçam o movimento através de uma comunicação simples, direta e de fácil acesso, assim como era na década de 90.

1.4. JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

As “fanzines” feministas surgiram na década de 90, impulsionados pelo movimento “Riot Grrrl”, que pretendia informar mulheres de seus direitos e incentivá-las a reivindicá-los. A insatisfação de estar sempre em segundo plano, como apenas namoradas ou coadjuvantes fez com que as “riot grrrls” saíssem dos bastidores e escrevessem a própria história literalmente.

Dessa forma, para Camargo, 2011, p. 161:

“As fanzines produzidas se tornaram a primeira geração de mídia feminista produzida em seus próprios termos, pois guiadas completamente pelo do it yourself (uma vez que as garotas se permitiram escrever, desenhar, imprimir e distribuir seu próprio trabalho), o que fez das fanzines um meio crucial de expressão e ativismo da ‘terceira onda’ do feminismo”. Elas conseguiram, com isso, criar e documentar uma cultura baseada na raiva de garotas, resistência e amor.” (Camargo, 2011 e p.161).

Com isso, as “zines” levaram muitas mulheres a formarem suas próprias bandas, para protestar por meio das músicas, usando instrumentos pesados e mostrando que poderiam fazer rock tão bem, ou melhor, que os homens.

Assim, percebe-se que as Zines por serem produções independentes e acessíveis trazem mais voz e espaço para minorias.

Dessa forma, a produção da série de Zines “REBEL GIRL”, é uma forma encontrada pela pesquisadora de lembrar e ajudar a perpetuar a história de um movimento que foi de extrema importância no passado e que refletiu e mudou o curso da história do punk rock feminista hoje.

2. EMBASAMENTO CIENTÍFICO QUE FUNDAMENTE A PROPOSTA

2.1. FEMINISMO

Segundo Garcia, Carla Cristina (2015, 3. ed.), o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Assim, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social.

A origem do movimento feminista se deu nos movimentos sociais que surgiram no período das revoluções liberais inspirados nos ideais iluministas, tais como a Revolução Francesa e a Revolução Americana. Nesse contexto, esses movimentos sociais concentravam sua luta, principalmente, na busca por mais direitos políticos e sociais.

Desse período, uma das maiores representantes do ideal feminista foi a escritora Olympe de Gouges, a qual, em 1791, escreveu um documento que ficou conhecido como “Declaração dos Direitos da Cidadã e da Mulher”. Nesse documento, a escritora francesa argumentava sobre a necessidade de equiparação dos direitos sociais, políticos e jurídicos entre homens e mulheres. Agora, analisaremos mais a fundo as principais precursoras movimento e como elas contribuíram para a consolidação do feminismo mundo a fora.

2.1.1. As Precursoras do Movimento Feminista

a) Christine de Pizan (1364–1430): De acordo com Ana Rieger Schmidt, professora adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pizan ficou particularmente conhecida por sua defesa das mulheres contra a difamação do sexo feminino nos meios literários e filosóficos. A “Querelle de la Rose” protagonizada por Christine de Pizan, Jean de Montreuil e Gontier Col é considerada o primeiro debate público em defesa do sexo feminino (McWebb, 2013). O debate se dá a partir de uma troca de cartas envolvendo a crítica do célebre “Romance da Rosa” de Jean de Meun, cujos versos apresentam uma visão pouco elogiosa das mulheres, as quais são sistematicamente representadas como ardilosas e desleais.

b) Marie de Gournay (1565-1645): A francesa Marie le Jars de Gournay foi uma das raras mulheres a viver às custas de seu próprio trabalho intelectual na Europa do séc. XVII.

Assim, segundo BLAUD, C. F., Marie de Gournay foi autodidata e por mais de cinquenta anos trabalhou e produziu uma variada gama de textos. Gournay relaciona o tema da discriminação sexual ao da discriminação social e da oposição entre ricos e pobres, temas que lhe concerniam pessoalmente visto ser uma mulher solteira (o que tinha graves implicações sociais e econômicas), mas que marcavam sua análise mais geral da sociedade. Muitas de suas reflexões podem ser classificadas de feministas, ainda que este termo não estivesse em uso no seu tempo. Suas ideias e suas posturas foram feministas, levando-a a participar de importantes debates políticos e dedicar parte de sua atividade intelectual e filosófica a reivindicar o direito das mulheres ao estudo e ao pleno desenvolvimento de suas capacidades racionais.

Gournay criticou a misoginia dos intelectuais de sua época e a confusão que faziam entre natureza e costumes ou entre natureza e autoridade. Afirmou que nenhum dos conjuntos de leis estabelecidos (civis, religiosas ou naturais) justificavam a inferioridade imposta às mulheres. Em seu tratado sobre a Igualdade (Égalité des Hommes et des Femmes – 1622) defendeu publicamente que “a mente não tem sexo”.

c) Sor Juana Inés de La Cruz: Filósofa, poeta, dramaturga e escritora autodidata, é uma figura primordial do feminismo nas Américas. Se tornou freira com o objetivo de evitar o casamento e para prosseguir com seus estudos e defendeu, em uma famosa carta a um bispo, seu direito e de todas as mulheres de acessar o conhecimento¹.

d) Olympe de Gouges (1748-1793): Gouges defendia a emancipação das mulheres, a instituição do divórcio e o fim da escravatura. À frente de um grupo de teatro formado apenas por mulheres, Olympe debatia suas ideias nas peças que escrevia, em panfletos e até em cartazes, que mandava colar pela cidade. Em um de seus panfletos mais conhecidos, a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, Olympe conclamava à ação: “Ó mulheres! Mulheres, quando deixareis vós de ser cegas?”.

Seu artigo primeiro afirma que “a mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem”. De Gouges foi executada na guilhotina em 1793, no Período do Terror da revolução, por fazer críticas ao poder instituído.

e) Mary Wollstonecraft (1759-1797): Considerada a fundadora do feminismo na Europa, no século 18, Mary Wollstonecraft publicou comentários políticos que respondiam a pensadores homens, escreveu romances e livros infantis que questionavam a ordem sexual e de gênero, além de defender os direitos das mulheres à educação e à igualdade no casamento.

¹ SOUSA, Ruan. Sor Juana Inés de la Cruz, uma feminista barroca. Época, 2018. Disponível em: <<https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html#:~:text=Sor%20Juana%20In%C3%A9s%20de%20la%20Cruz%20foi%20um%20dos%20expoentes,pela%20contradi%C3%A7%C3%A3o%20e%20pelo%20exagero.>> Acesso em: 24 de mai. De 2022.

Wollstonecraft defendeu que as mulheres deveriam ter o mesmo direito à educação que os homens, que não estudassem apenas para se tornarem “esposas ideais”. Em *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792), escreveu: “É assim, por exemplo, que a demanda por educação tem por objetivo exclusivo permitir o livre desenvolvimento da mulher como ser racional, fortalecendo a virtude por meio do exercício da razão e tornando-a plenamente independente”.

Wollstonecraft morreu aos 38 anos, de infecção pós-parto, deixando como legado cerca de 20 livros que incluem romances e análises sobre política, história e direitos das mulheres².

2.1.2. As Ondas do Feminismo

a) Primeira Onda: O que se convencionou como a primeira onda vai de meados do século XIX às primeiras décadas do século XX, sendo caracterizada principalmente pela reivindicação do direito ao voto e ao acesso igualitário à educação, que se iniciou com as chamadas sufragistas - mulheres instruídas, pertencentes às classes mais altas.

No século XIX, a exploração e controle da vida, das atividades e da sexualidade das mulheres veio a ser a regra, mantida pelos discursos religiosos, filosóficos, econômicos e políticos da Europa. A indignação das mulheres aumentou e a ideia de “feminismo” como uma luta de mulheres contra injustiças e por melhoria das suas condições de vida foi se impondo (Fraisse, 1989; Offen, 1988).

Assim, de acordo com Ilze Zirbel, doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, o que hoje chamamos de primeira onda feminista foi se formando aos poucos em muitos países da Europa e das Américas, assim como da Austrália, Nova Zelândia, Rússia, Bulgária, Ucrânia, Hungria, Tchecoslováquia, etc. E essa formação deu-se em meio a um processo intenso de lutas, materializadas em

² D'ANGELO, Helô. Mary Wollstonecraft, autora de um dos primeiros textos feministas. Uol, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>> Acesso em: 24 de mai. de 2022.

associações de mulheres, panfletagens, publicações em jornais, manifestações, greves, congressos, passeatas.

Os temas de discussão e as reivindicações das feministas eram bastante diversos e diziam respeito à autodeterminação sexual, ao acesso a algumas profissões e melhorias das condições de trabalho assalariado, ao acesso à educação formal e a um currículo escolar que não fosse voltado às atividades domésticas, à reforma do direito matrimonial (que subjugava as esposas aos maridos, permitia a expropriação dos bens das mulheres pelos esposos e um tratamento desigual diante do adultério, impossibilitava o divórcio etc.) dentre outros (Offen, 1988; Briatte, 2016; Bard, 2017; Rochefort, 2018).

Em conclusão, sabe-se que a primeira onda do feminismo foi, principalmente, voltada à garantia de direitos civis básicos para as mulheres.

b) Segunda Onda: A Segunda Onda do feminismo se deu entre 1960 e 1980 e suas pautas eram diferentes da Primeira, neste momento as mulheres estavam interessadas em tratar da sexualidade, do prazer feminino, dos direitos reprodutivos e da saúde da mulher, da violência doméstica, do estupro, e do trabalho doméstico não remunerado realizado pelas mulheres.

Através da famosa frase de Simone de Beauvoir (1908-1986), “não se nasce mulher, torna-se” do livro “O Segundo Sexo”, se introduz a ideia de que ser mulher não é uma condição do sexo biológico, mas sim uma construção social. Nessa construção estaria a base da opressão das mulheres. O valor atribuído por ela à experiência pessoal das mulheres encorajou a percepção de uma irmandade entre elas devido à opressão compartilhada.

Outra importante contribuição para a Segunda Onda do movimento foi Betty Friedan que publicou “A mística feminina” (1963). Friedan discutia o papel da publicidade e do sistema educacional no convencimento e restrição das mulheres às tarefas domésticas. Além de falar, igualmente, sobre o “mal que não tem nome”, vivido como um sentimento de perda de sentido da vida e identidade pelas mulheres restritas ao modelo da mulher “do lar” (FRIEDAN, 1963, p. 145).

Kathie Sarachild (1943) defendeu a ideia de sororidade em um panfleto de 1968 contendo um discurso para a primeira ação pública do grupo “Mulheres Radicais de Nova York”. Nele, cunhou a expressão “a irmandade de mulheres é poderosa” (sisterhood is powerful).

Assim como era o caso em relação às sufragistas, mulheres de outras classes e identidades raciais tinham demandas distintas em relação às mulheres brancas e de classe média que são colocadas como protagonistas da segunda onda. Reivindicar o direito de trabalhar fora de casa, por exemplo, não fazia sentido para mulheres negras e pobres, que haviam trabalhado fora desde sempre. Assim, a discussão do feminismo negro se inicia em 1960.

Em 1981, Angela Davis (1944) publica “Mulheres, raça e classe”, que se tornou um importante feito na história da luta das mulheres à luz de questões de raça e classe. Ativista, pesquisadora e professora, Davis era conhecida por sua atuação no movimento dos direitos civis negros na década de 1960 e por sua participação na organização revolucionária Panteras Negras. GRADY, Constance (2018) .

c) Terceira Onda: Ainda segundo ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. Blog UNICAMP. Durante a década de 1980 nos Estados Unidos, a mídia começou a rotular mulheres adolescentes e na casa dos vinte anos como uma geração “pós-feminista”, que desfrutava de certos ganhos sociais (acesso à educação, a diferentes tipos de emprego, entre outros), dando a entender que os objetivos do feminismo haviam sido alcançados. Sob esta ótica, o feminismo deixava de ser algo necessário. O ensaio de Rebecca Walker (1992), no entanto, documentava o sexismo persistente do início dos anos 1990 e convocava as jovens a se unirem à luta feminista. Nesse sentido, ela invocava uma terceira onda, ao mesmo tempo que identificava-se com ela.

Assim, pode-se dizer que a Terceira Onda Feminista foi o período onde as feministas procuraram contestar as definições essencialistas da feminilidade que se apoiavam especialmente nas experiências de mulheres brancas integrantes de uma classe média alta da sociedade (GASPARETTO, 2015). De acordo com Belzer (2004), o feminismo da Terceira Onda distingue-se dos anteriores por abraçar as diferenças entre as mulheres, e é um feminismo composto por grupos de mulheres que eram

consideradas muito jovens para participar das ondas anteriores. Esta geração acredita que toda mulher pode construir seu próprio feminismo, sendo isso essencial para que o movimento reconheça a diversidade e avance na igualdade social. Neste momento há um olhar voltado para a representação das mulheres na mídia e os efeitos decorrentes desta exposição. Dessa forma, sabe-se que:

A Terceira Onda foi marcada por diversos questionamentos internos do próprio feminismo, permitindo o florescimento de novas ideias e a redefinição de estratégias que apresentaram falhas em momentos anteriores. É nesta onda que a subcultura Riot Grrrl está localizada. Enquanto na Segunda Onda o movimento feminista preocupava-se com a categoria Mulher, mesmo que já existisse a tentativa de dar um novo significado para tal categoria, na Terceira Onda surge a voz jovem. (GELAIN e LAGE, 2016, p. 05).

Em conclusão, entende-se que o movimento feminista de punk rock “Riot Grrrl” surge em meio a necessidade da mulher jovem de expressar e conquistar seu espaço no cenário do rock na década de 1990.

2.2. ROCK

Como o foco deste trabalho é o movimento “Riot Grrrl”, que nasceu na década de 90 nos Estados Unidos, nesta parte analisaremos os movimentos musicais nos Estados Unidos, focados no rock, para melhor entendermos o movimento em questão.

2.2.1. Origem do Rock

Segundo Mugnaini Jr., 2007, o Rock ou Rock ‘n’ Roll surgiu e se firmou nos Estados Unidos durante a década de 50, tendo rapidamente se espalhado por todo o mundo. Sua história começou com a influência cultural da música dos escravos vindos da África, na sociedade norte-americana como forma de expressão cultural e artística.

Em fins de 1950, nos EUA, uma geração marcada pelo fim da Segunda Guerra Mundial, viu-se frente a ritmo até então desconhecido, vindo de comunidades afro-americanas nos centro urbanos do norte do país. Nas colheitas de algodão dos Estados Unidos, os escravos cantavam para celebrar sua espiritualidade e seus ancestrais. Também cantavam sobre as mazelas da escravidão, estabelecendo assim

uma relação direta entre sua música e a realidade social. O rock herdou essa capacidade de radiografar o presente.

Na época, a sociedade americana começava a abandonar preconceitos seculares. De uma certa forma, a explosão do rock simbolizou uma América nova, mais liberal, próspera e livre das dificuldades econômicas do pós-guerra.

Para Paulo Chacon, autor do livro “O que é Rock?”, o conceito de rock está diretamente ligado ao público que o consome, representado por jovens no início da adolescência até a inserção no mercado de trabalho.

O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. (CHACON, 1995, p.8)

2.2.2. Feminismo no Rock

Quase não se ouve falar em mulheres no Rock ‘n’ Roll e quando elas aparecem, são vistas, na maioria das vezes, de forma coadjuvantes. Houve por anos uma dificuldade do gênero feminino se inserir nesse cenário, pois tinha-se a lógica de que a mulher entrava na música para “suavizar” a agressividade posta nos palcos e que ela não deveria se envolver nessa vertente musical histórica.

Podemos afirmar que, no rock mundial, Joan Jett, é referência quando no assunto. A fundadora do “Runaways”, banda formada somente por mulheres que conquistou destaque na cena musical de 1975 a 1979, seguiu carreira solo na década seguinte e continua em atividade até os dias atuais. Em uma entrevista à revista Rolling Stone Brasil, em março de 2012, a artista afirma:

[O Rock] Sempre foi domínio masculino, um mundo de homens. E de repente as garotas estavam com uma guitarra. Foi uma reação natural dos homens: ‘Não, você não pode tocar’. Para mim, de forma lógica, não fazia sentido. Não era que elas não

podiam dominar o instrumento, elas não tinham permissão socialmente falando, justamente porque o rock é sexual (ROLLING STONE BRASIL, 2012).

No grupo “Blondies”, fundado nos anos 1970, que tem como líder a cantora e compositora Debbie Harry, também aparecem relatos de machismo. No documentário “Blondie’s New York and the Making of Parallel Lines”, o então baixista Gary Valentine ressalta que a beleza de Harry sempre foi alvo de comentários, mas seu talento como compositora nunca teve o devido reconhecimento.

Assim, podemos concluir que o rock sempre foi um local dominado por homens e, quando começou a ser dominado pelas mulheres, ainda existia uma visão sexista que valorizava mais a aparência feminina do que seu talento e seu trabalho por si só.

2.2.3. A Música de Protesto

A música é uma forma de expressar sentimentos, desejos, frustrações, conceito que não está muito longe da realidade, já que muitos músicos dedicam suas letras à críticas sociais, por exemplo.

A música com referência ideológica existe há muito tempo, mas foi a partir da década de 1960 que a música, como forma de protesto, ganhou popularidade, em especial com as bandas britânicas The Beatles e The Rolling Stones, com a expressividade do rock. Levantando diversas questões como, por exemplo, discussões em favor da liberdade de expressão, pelo fim das guerras e do desarmamento nuclear, idealizando um mundo de “paz e amor”, com músicas como; “Revolution” (Beatles) e “We Love You” (Rolling Stones).

Já nos anos 70, surgiu o famoso movimento punk rock, representados por bandas como o The Ramones, Sex Pistols e The Clash, esses faziam críticas à Guerra Fria, ao nacionalismo e à monarquia britânica, e é neste berço que começaremos a analisar a importância do movimento de punk rock “Riot Grrrl”, que nascerá apenas em 1990, para a sociedade (LUCCHESI, 2018).

2.3. MOVIMENTO RIOT GRRRL

De acordo com Sara Marcus, (2010) no livro “Garotas à frente”, as agitações que culminaram no riot remetem ao ano de 1989. Na cidade de Olympia, a jovem

estudante de fotografia da Evergreen State College, Kathleen Hanna, começou a frequentar o “Safe Space”: um grupo de apoio a garotas que haviam enfrentado situações de violência, criminologicamente classificadas como “estupro”, “abuso sexual” e “violência doméstica”. As reuniões que aconteciam no campus marcaram o envolvimento de Hanna na luta contra essas violências, práticas de pequenos fascismos que situavam mulheres e meninas em uma posição de suposta incontestável vulnerabilidade.

Hanna frequentava a cena punk local, um espaço de lutas políticas voltadas contra o estilo de vida burguês e suas formas de dominação, e contrário ao capitalismo neoliberal por meio da atitude “do it yourself” (faça você mesmo).

Nesse espaço de lutas, Hanna montou, com uma amiga e dois rapazes, a banda Viva Knievel. Os shows da Viva Knievel eram impactantes sobre o público feminino, que retornava à banda para elogiar sua coragem e demonstrar reconhecimento.

O objeto de luta política da Viva Knievel mostrou ser comum a outras punkas, roqueiras e estudantes universitárias. A partir dessa experiência, Hanna procurou Tobi Vail, a quem conhecia por meio de leituras do fanzine Jigsaw, publicação autogestionária de Vail que abordava assuntos referentes à cena punk marcando uma perspectiva de garota.

Após troca de correspondências, as duas se juntaram à baixista Kathi Wilcox e ao guitarrista Billy Karren e formaram a Bikini Kill, em 1990. Além da Bikini Kill, elas passaram a publicar um fanzine juntas, o “Revolution Girl Style Now”.

A repercussão do que Vail e Hanna faziam logo animou outras jovens que articulavam reuniões, discutiam, montavam bandas e organizavam shows, festivais, eventos, oficinas de autodefesa e de instrução musical, fanzines e, eventualmente, alguma manifestação; também organizavam festas universitárias, em sua maioria somente para garotas, explicitando de uma outra maneira a relação com a Universidade e os embates com as caretas e machistas festas das irmandades universitárias estadunidenses.

Incomodadas com a ambiguidade que permanecia no punk, e sob as cotidianas violências exercidas sobre seus corpos, estas garotas começaram a inventar, no interior do próprio punk, formas de resistir, enfrentar o machismo e outros pequenos fascismos existentes dentro e fora deste movimento, em especial sobre a orientação e a liberdade sexual da mulher.

Ao berrarem, liberadas de identidades, contra o governo de seu sexo, as riot grrrls travaram uma luta contra o dispositivo da sexualidade. Liberadas para a experimentação de “possibilidades radicais de prazer” (Bikini Kill, “I like fucking”), essas garotas punks romperam com as categorias fixas de identidade sexual como heterossexuais, bissexuais, homossexuais, produzindo contrassexualidades (PRECIADO, 2014). O interesse em liberar o sexo tinha como alvo arruinar o governo do sexo pela moral do macho; se o sexo seria praticado entre garotas, entre uma garota e um rapaz, entre garotas e rapazes, ou quaisquer outras possibilidades, não importava. Interessava propiciar esse espaço de liberdade para que cada garota pudesse vivenciá-lo e experimentar seus prazeres como quisesse.

É neste embate, pela positividade do prazer descomedido e contra as violências provenientes do governo do sexo pela moral do macho, que as riot grrrls existiam como minorias potentes na contramão dos movimentos sociais minoritários por direitos civis, já bastante avançados em suas lutas, nos Estados Unidos, na década de 1990. Diante desses movimentos a clamar por leis e, portanto, sistemas e uniformidades, é possível situar o riot grrrl como instaurador de um ativismo feminista e, mais do que isso, de estilos de vida outros.

Um dos principais nomes do movimento e vocalista da banda Bikini Kill, Kathleen Hanna, produziu uma fanzine que se denominou de “Manifesto Riot Grrrl” em 1991 (Figura 1). O “Riot Grrrl Manifesto” é um documento empoderador que alerta as garotas sobre suas potencialidades e sobre não se contentar em ser o que a sociedade machista e patriarcal as impunham.

Em suma, para Rodrigues, 2006, p. 24:

As garotas do Riot Grrrl tinham como objetivo incentivar outras garotas a chamar as amigas e montar uma banda, incentivar a discussão sobre os papéis sociais reservados às mulheres e defender algumas bandeiras feministas, como por exemplo a liberdade sexual e reprodutiva. Para alcançar

Para Maranhão:

É difícil afirmar com certeza qual o primeiro fanzine surgido no mundo. Objeto situado fora do sistema comercial e editorial, muitas vezes não catalogado e arquivado, podendo ser produzido dentro de cômodos de casas comuns ou não, é quase impossível saber exatamente onde e quando pessoas tiveram a ideia de fazer seu próprio jornalzinho e distribuir a amigos mais ou menos próximos. (MARANHÃO, 2012, p.8)

Entretanto, valendo-se de alguns estudos que foram realizados até o momento presente, parece unânime considerar que o fanzine teve origem nos Estados Unidos na década de 1930. Eles foram criados pelos fãs de ficção científica da época para divulgar seus trabalhos autorais fora do circuito profissional e comercial (MUNIZ, 2010). O termo fanzine só veio aparecer algum tempo depois, mais precisamente, em 1941 quando foi criado por Russ Chauvenet.

Magalhães (2004, p. 11), produtor de fanzines e escritor, detalha a gênese dos fanzines em uma de suas obras literárias:

“Foi no começo do século XX, nos Estados Unidos, que surgiu a primeira onda de fanzines, inicialmente voltados à ficção científica (FC), gênero literário ainda tratado como subliteratura. O primeiro de que se tem registro foi The Comet, criado em maio de 1930 por Ray Palmer para o Science Correspondance Clube, seguido por The Planet, em junho do mesmo ano, editado por Allen Glasser para o The New York Scienceers.” MAGALHÃES, 2004, p. 11.

Depois da sua criação nos Estados Unidos os zines rapidamente disseminaram-se pelo mundo. A priori, eles eram produzidos por um fã ou por um grupo de fãs para tratar de ficção científica ou temas afins. Ao longo do tempo, outros assuntos começaram a ser divulgados através destas mídias e elas trataram de se espalhar pelos mais diversos lugares do mundo, alcançando muitos admiradores e praticantes.

Já as “fanzines” feministas surgiram na década de 90, impulsionados pelo movimento “Riot Grrrl”, que pretendia informar mulheres de seus direitos e incentivá-las a reivindicá-los. A insatisfação de estar sempre em segundo plano, como apenas namoradas ou coadjuvantes fez com que as “riot grrrls” saíssem dos bastidores e escrevessem a própria história literalmente.

Dessa forma, para Camargo, 2011, p. 161:

“As fanzines produzidas se tornaram a primeira geração de mídia feminista produzida em seus próprios termos, pois guiadas completamente pelo do it yourself (uma vez que as garotas se permitiram escrever, desenhar, imprimir e distribuir seu próprio trabalho), o que fez das fanzines um meio crucial de expressão e ativismo da ‘terceira onda’ do feminismo”. Elas conseguiram, com isso, criar e documentar uma cultura baseada na raiva de garotas, resistência e amor.” (Camargo, 2011 e p.161).

Com isso, as “zines” levaram muitas mulheres a formarem suas próprias bandas, para protestar por meio das músicas, usando instrumentos pesados e mostrando que poderiam fazer rock tão bem, ou melhor, que os homens. As bandas Bikini Kill e Bratmobile são consideradas duas bandas que incentivaram o movimento.

A Bikini Kill teve destaque, pois costumava mandar os garotos para trás da fila e chamar as meninas mais perto para distribuir seus zines – “Girls to the front”. A vocalista Kathleen Hannah fazia muitos shows com slogans machistas rabiscados pelo corpo, como SLUT (vagabunda), o que inspirou muitas feministas a fazerem isso até hoje.

Foi Allison Wolfe, da Bratmobile, quem resolveu produzir uma fanzine feminista chamada “Riot Grrrl” (figura 1), encorajando várias garotas a tomar a frente na cena punk. Elas não faziam questão de serem bem comportadas, nem suportavam ser vetadas pelo fato de serem mulheres.

FIGURA 2 - Zines: Girls Germs, Satan Wears A Bra, Girly Mag e Quit Whining



FONTE: A História do Movimento Riot Grrrl: Punk e Feminismo na Década de 1990. Moda de subcultura, 2016. Disponível em <<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/05/-historia-do-movimento-riot-grrrl-punk-feminismo.html>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

b) Moda Punk

Segundo Joaquim e Mesquita (2012, p. 99), “(...) a moda contribuiu para redefinir identidades sociais, [desconfigurando] algumas das fronteiras simbólicas entre o masculino e o feminino, sendo motor e reflexo das mudanças da condição feminina (...)”.

Assim, podemos dizer que o movimento feminista se insurgiu frente ao estereótipo da vestimenta “conservadora”, no qual o ideal de gênero é voltado à mulher mais recatada, dona do lar, aprisionada nas suas roupas, que refletem um papel de submissão, restrição e obediência.

O movimento “Riot Grrrl” relaciona-se não apenas com a moda, enquanto abordagem da indumentária, mas também por sua linha de referência de libertação, apoiada em questionamentos sobre o que é imposto pela sociedade, e na busca de uma identidade própria e emancipada da mulher. Essa rebeldia manifestou-se em uma espécie de “popularização na maneira de se vestir”, de modo que a semelhança

da roupa impedia que se classificassem as diferentes classes sociais, incluídas aí nas discussões de gênero.

c) As letras musiciais e a música de protesto no movimento “Riot Grrrl”

De acordo com Soraya Alonso Alconada, Revista Clepsydra, 2021, p. 105, as garotas estavam cada vez mais conectadas e se apoiavam umas nas outras, assim, elas começaram a colocar suas frustrações e sentimentos em palavras, criando um espaço seguro para mulheres discutirem e resistirem a depreciação cultural que era comum na época.

Dessa maneira, a música se tornou a maior e mais óbvia representação cultural para este movimento. As bandas do “Riot Grrrl” possuíam um som particular e as “riot girls” usavam a música como uma ferramenta para resistência contra o que a sociedade impunha a elas. Para Downes, 2007, p. 12:

“Mulheres e garotas encontraram suas próprias vozes e força na música, arte, literatura e nos discursos políticos, as ‘riot grrrls’ começaram a reescrever e descobrir por si próprias o que significa ser uma garota, uma feminista, uma ativista, uma música ou uma artista. Isso abriu as possibilidades de compartilhar as suas experiências, contar suas próprias histórias e criar sua própria linguagem. A história das ‘riot grrrls’ é um ‘insight’ dentro de um momento provocativo no feminismo moderno, na resistência jovem e na cultura popular.” DOWNES, 2007, p. 12.

Assim, ainda segundo o estudo feito por Soraya Alonso Alconada (Revista Clepsydra, 2021, p. 106), as “riot grrrls” usavam as letras como uma forma de se expressarem e compartilharem experiências pessoais. Algumas mulheres se identificavam com essas narrativas, o que levou à criação de um forte laço entre as artistas e sua audiência (prioritariamente feminina) e uma sensação sólida de comunidade e pertencimento ao movimento.

Em conclusão, as bandas misturaram as teorias feministas com suas narrativas pessoais e escreviam sobre os problemas da comunidade feminina assim como suas reivindicações sob uma perspectiva totalmente feminina:

“Apesar dos detratores falarem que a nossa música sofria, sendo ‘muito política’, eu considerava que a intersecção entre a teoria da arte feminista, o ativismo de base e o punk rock era o SUCESSO da nossa arte. E nós descobrimos que as garotas de todo o país estavam tão famintas quanto nós estávamos para reimaginar o feminismo por si só e para mudar o panorama da masculinidade punk que foi deixada à deriva.” HANNA, 2003, p. 132.

Dessa maneira, podemos entender que o movimento “Riot Grrrl” misturou o feminismo, a arte, a música, a política e a moda para transformar o movimento feminista e criar, na década de 90, um lugar inclusivo onde as garotas estariam seguras para performar suas ambições artísticas, fossem elas nas “fanzines” ou no punk.

Em conclusão, numa recente entrevista para o jornal americano “The Guardian” 2009³, a baterista do Bikini Kill, uma das bandas pioneiras do movimento, disse que fazer parte de uma banda permite que a voz das mulheres seja ouvida:

Há um poder em aproveitar a história. Para mim, é o que estar em uma banda permite você acessar. Se nós vemos a historicização como uma força institucional, sejamos inclusivos: deixe as vozes feministas dentro.

2.5. CIBERATIVISMO E A MÚSICA

Nesta etapa analisaremos o ativismo num contexto mais atual e como isso reflete na música, assim, mais à frente, no TCC II, estudaremos seus impactos no movimento “Riot Grrrl” e na comunicação feminista da atualidade.

2.5.1. Conceito de Ciberativismo

Araujo et al (2012) entende o ativismo como fenômeno social imanente às redes telemáticas como a internet e constroem uma cronologia que enfatiza a relação entre ambos. Os autores estabelecem quatro fases que permitem ver esta simbiose:

a) Surgimento:

No espaço de elaboração da internet, o ciberativismo surge como forma de disputa tecnossocial, tencionando a internet a evoluir para uma tecnologia não proprietária.

b) Pré-web

³ Barton, Laura. “Grrrl power.” The Guardian, Março, 2009. Disponível em <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2009/mar/04/grrrl-power-music> Acesso em: 31 de mai de 2022.

Momento inicial da internet, quando representava apenas um ambiente comunicativo baseado em troca de mensagens de texto. Redes como a PeaceNet são usadas como forma mais eficiente de comunicação entre ativistas distribuídos pelo mundo.

c) Popularização da web

Representa o início e expansão da primeira web. É neste momento que surgem os primeiros sites de apoio a causas ativistas, protestos organizados pela rede, coberturas alternativas e as primeiras ações práticas de Desobediência Civil Eletrônica. Começam a surgir as primeiras ações de hacktivismo, porém ainda eram escassas as plataformas de ação a distância.

d) Web 2.0

Com a tendência do surgimento de novas ferramentas que ampliação do caráter interativo da web, o ciberativismo se apropria de blogs e sítios de mídias sociais. Tecnologias móveis facilitam as formas de organização de movimentos através da rede. Porém, ao mesmo tempo, estas ações são imersas em mais mecanismos de controle, que podem ser suplantados por tecnologias do anonimato (ARAUJO et al, 2012, p. 13).

Em contexto atual, podemos dizer que o ciberativismo se tornou uma das principais formas de comunicação ativista nos últimos tempos, principalmente após a pandemia de COVID-19 que fez com que o ambiente digital ganhasse mais força e visibilidade devido à necessidade do isolamento social, que fez com que a principal forma de comunicação fosse via internet.

Tendo isso em vista, de acordo com SILVA, 2021, nos contextos atuais, a internet através de suas redes de compartilhamento propiciou o desenvolvimento das ferramentas de comunicação digital, que contribuíram para que sujeitos comuns se tornassem ainda mais atuantes em seus processos de relações sociais com outros indivíduos.

2.5.2. Ciberativismo e a Mobilização Social

A mobilização social no ambiente digital aconteceu em diversos movimentos ao redor do mundo, a exemplo da Revolução Verde; o Movimento à Rasca em Portugal; os Indignados da Espanha; a candidatura de Obama; a Revolta da Praça Tahrir, no Egito; o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos; as mobilizações em defesa do parque Gezi na Turquia; as manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013.

Assim, percebe-se que a internet se tornou uma ferramenta essencial para a mobilização social, já que na internet não existem fronteiras, o que potencializa o impacto, globalmente pensando. Desse modo, de acordo com FREITAS (2012 p.111) “o ciberativismo é imanente a própria internet” identificando a ação como “o conjunto de práticas realizadas em redes cibernéticas em defesa de causas específicas, sejam elas políticas, ambientais, sociotécnicas etc.” (ARAÚJO; FREITAS APUD. SILVEIRA 2012 p.111).

Assim, de acordo com Bittencourt (2015):

Na instância virtual que as discussões ampliam o consenso e a vontade coletiva de agir. A convocação através das redes, acontece com muito mais facilidade, um contato imediato com diversos indivíduos. BITTENCOURT, 2015.

Em conclusão, as ferramentas de comunicação digital, refletem como as possibilidades de diálogos e convocação para o ato de mobilização social, foram expandidos e potencializados.

3. ESTUDO DE VIABILIDADE

Bruno Munari em seu livro *Das coisas nascem coisas* (2008) tem como discussão central a construção de uma metodologia processual para criação de um produto, segundo o autor, criatividade não significa improvisação sem método, assim, a série de operações do método de projeto é formada de valores objetivos que se tornam instrumentos de trabalho nas mãos do projetista.

Tendo isso em vista, podemos dizer que o método deste projeto não é absoluto ou definitivo, podendo ser modificado caso sejam encontrados outros objetivos que melhorem e contribuam para o processo. Para Munari (2008) a elaboração do projeto precisa ser dividida em algumas etapas, são elas:

Etapa I: *Problema e definição do problema* – neste ponto ele afirma que existe um problema maior e outro mais específico que surge do primeiro, é importante trabalhar bem essa definição para compreender quais são os limites do projeto. Para este trabalho foi identificada a necessidade e principalmente a vontade de pesquisar e compartilhar informações do movimento Riot Grrrl, e uma questão seria como realizar isso mantendo uma relação estética com o movimento. É importante ressaltar que ao falar sobre problema, Munari (2008) está levantando questionamentos no âmbito projetual e não acadêmico.

Etapa II: *Decompor o problema* - Bruno Munari vai apontar a necessidade de questionar o problema e identificar as fragilidades que precisarão ser corrigidas ou solucionadas com o produto, segundo o autor decompor o problema facilita visualizar qual caminho será seguido. Essa decomposição pode ser realizada através de perguntas a serem respondidas com o projeto. Quais informações sobre o movimento Riot Grrrl serão abordados? Qual o melhor suporte? Qual o suporte possível de se trabalhar? Foi pensando na resposta a essas questões que chegamos ao Zine em formato A4, por ser mais barato e de fácil manuseio, e um arquivo auxiliar em PDF.

Etapa III *Coleta de dados* – para entender os elementos que construirão o projeto ou os possíveis formatos de Zine é preciso realizar análise de similares. A coleta de dados aqui não remete exclusivamente ao conteúdo que será abordado, mas sim a materiais similares que existem e que podem servir de referência ou inspiração. - Nesta etapa foram realizados estudos de Zines antigas do movimento “Riot Grrrl” como: Girls Germs (Figura 3); Riot Grrrl (Figura 4) e Bikini Kill (Figura 5); com o objetivo de realizar uma análise de similar para ajudar a pesquisadora a encontrar a estética da sua Zine e os assuntos que serão abordados nela.

Figura 3 – Girl Germs Zine



FONTE: DC Punk Archive Zine Library. Dig DC, 2019. Disponível em
<<https://digdc.dclibrary.org/islandora/object/dcplislandora%3A38095/pages>>. Acesso em: 14
de outubro de 2022.

Figura 4 – Riot Grrrl Zine



FONTE: *The art and politics of riot grrrl - in pictures*, 2013. Disponível em <<https://www.theguardian.com/music/gallery/2013/jun/30/punk-music>>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

Figura 5



FONTE: *LCC Zine Collection*, 2021. Disponível em <<https://lcczinecollection.myblog.arts.ac.uk/2021/03/26/bikini-kill/>>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.





b) Definição dos temas

ZINE 1: Feminismo no Rock – “You don’t play with your fucking genitals”

Nesta Zine, buscou-se explorar como as mulheres se inseriram no Rock. Dessa forma, foi utilizada a imagem da artista Joan Jett, uma das principais figuras femininas no Punk Rock.

O título “You don’t play with your fuckin genitals” (tradução: você não toca com a porra das suas genitálias) tem o intuito de chamar atenção com uma comunicação mais agressiva e direta.

Assim, o Zine começou contando a história da Sister Rosetta Tharpe, que foi uma cantora gospel americana que, com as influências do jazz e do blues, criou um estilo próprio e único. Em 1938, ela começava o Rock ‘N’ Roll graças a uma mistura única de letras gospel e violão elétrico com o ritmo ainda incipiente na época.

Na próxima página, retoma-se a imagem de Joan Jett, contando um pouco de sua importância no Punk Rock.

Por fim, chega-se à conclusão de que o rock sempre foi um local dominado por homens, e mesmo quando começou a ser tomado pelas mulheres, ainda existia uma visão sexista que valorizava mais a aparência feminina do que seu talento.

ZINE 2: O movimento Riot Grrrl – “Imma Riot Bitch”

A Zine 2 já se inicia com a imagem da vocalista do Bikini Kill, principal banda do movimento, Kathleen Hanna que foi uma das percussoras do movimento. Assim, nesta zine procura-se abordar os principais ideais do Riot Grrrl.

"As garotas do Riot Grrrl tinham como objetivo incentivar outras garotas a chamar as amigas e montar uma banda, incentivar a discussão sobre os papéis sociais reservados às mulheres e defender algumas bandeiras feministas como, por exemplo, a liberdade sexual e reprodutiva. Para alcançar este objetivo elas faziam o uso de um discurso de forte carga emocional, característico do punk rock, defendendo a amizade entre garotas para superação de barreiras comuns."
(RODRIGUES, 2006)

Além disso, aborda-se a banda Bikini Kill costumava mandar os garotos para trás da fila e chamar as meninas mais perto para distribuir seus zines – “Girls to the front”. A vocalista Kathleen Hannah fazia muitos shows com slogans machistas rabiscados pelo corpo, como SLUT (vagabunda), o que inspirou muitas feministas a fazerem isso até hoje.

Para finalizar, a última página contém um trecho do “Manifesto Riot Grrrl” que foi escrito para explicar o que é de fato ser uma riot grrrl.

ZINE 3: As atuais Riot Grrrls – “Punk Rock Kid”

A zine 3 tem o objetivo de trazer o movimento para o presente, de entender como o Riot Grrrl influenciou e ainda influencia mulheres, seja no comportamento, no estilo ou na música. Por isso, foi utilizada uma foto da própria pesquisadora que se considera completamente influenciada pelo movimento.

Assim, abordamos a temática de que o punk rock não está morto, muito menos o punk rock feminista, porém, como a própria Kathleen Hanna fala, mais importante do que reconhecer o Riot Grrrl, é replicar suas ideologias, ainda que adaptadas, na atualidade.

“Eu realmente não quero que o Riot Grrrl viva porque não me interessa fetichizar algo que já aconteceu. Estou interessada em mulheres que desejam fazer algo mais interessante do que nós fizemos, e que vão desafiar e criticar o que fizemos; e através dessa crítica venham com algo muito melhor. É isso que me anima.”
– Kathleen Hannah

Levando em consideração que as mulheres são e sempre foram parte do rock, conhecer e exaltar o movimento Riot Grrrl é importante e necessário para entender como movimentos do passado refletem no presente como incentivo e motivação – se as riot grrls não tivessem levantado suas vozes e reivindicado seu espaço no rock, talvez a presença feminina no gênero seria bem menor atualmente. Porém, entende-

se que apoiar e incentivar artistas no presente é ainda mais relevante, visto que construir um futuro em que as mulheres são as protagonistas na cena musical começa entendendo o passado e agindo no presente.

Por fim, entende-se que ser uma Riot Grrrl é ser resistência em meio a um mundo dominado pelo machismo e pelos homens, é reivindicar seu espaço no rock, é gritar da altura que for necessária para ser escutada e entendida, é encontrar força na sororidade, é, acima de tudo, lutar pelo direito da mulher pertencer e agir da maneira que quiser.

“Mulheres e garotas encontraram suas próprias vozes e força na música, arte, literatura e nos discursos políticos, as ‘riot grrrls’ começaram a reescrever e descobrir por si próprias o que significa ser uma garota, uma feminista, uma ativista, uma música ou uma artista. Isso abriu as possibilidades de compartilhar as suas experiências, contar suas próprias histórias e criar sua própria linguagem. A história das ‘riot grrrls’ é um ‘insight’ dentro de um momento provocativo no feminismo moderno, na resistência jovem e na cultura popular.”
DOWNES, 2007, p. 12.

c) Levantamento de imagens

As imagens utilizadas na produção das Zines foram todas retiradas da internet, de blogs que tratam do assunto como o “Moda de Subculturas”, além de portais de notícias do mundo da música como “Last Fm”, “89 A Rádio Rock”, “Tenho Mais Discos que Amigos” e, por fim, de jornais e revistas online como “Rolling Stone” e “The New York Times”.

Agora, segundo Munari (2008), é o momento de utilizar a criatividade para executar o projeto seguindo os passos, referências e dados coletados.

4. PROCESSO DE CRIAÇÃO

A princípio a ideia era de produzir uma Zine no formato A5 com dobraduras que transformariam o zine em uma espécie de gibi, porém, quando apliquei a arte ao formato não ficou coerente com as referências pesquisadas do movimentos Riot Grrrl, além de não atender às necessidades de espaço que eram necessárias para conseguir colocar a quantidade de escrita juntamente com os elementos gráficos, isto é, o Zine não ficou harmônico e ficou muito carregado.

Por isso, juntamente à minha orientadora, pensamos em produzir o Zine em A4, como eram feitos os do movimento. Porém, viu-se a necessidade de trazer mais

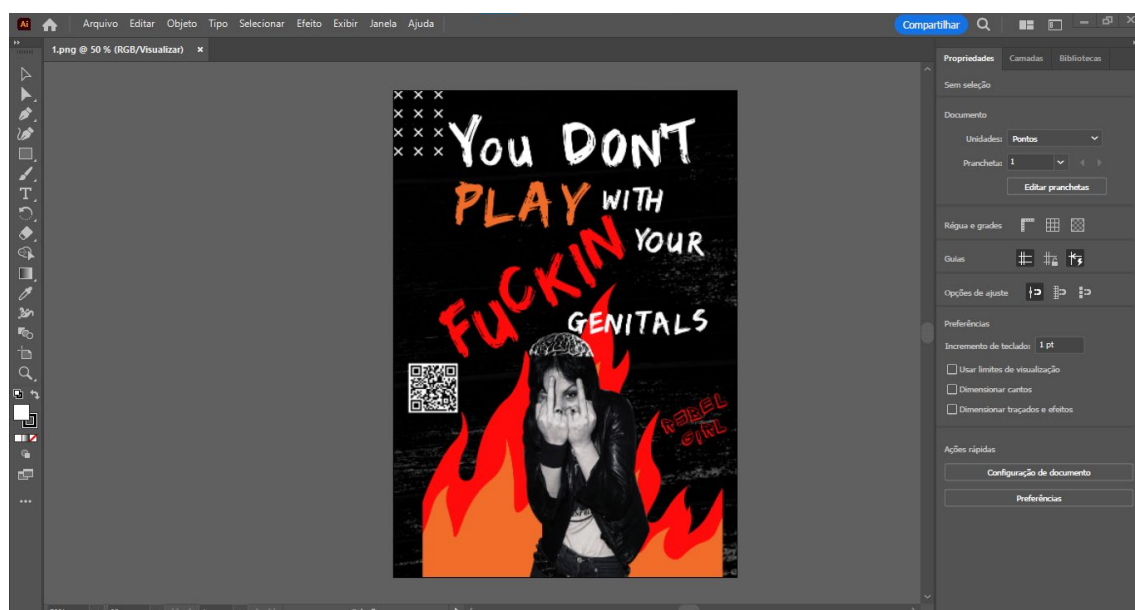
informações que não cabiam somente em uma folha A4, dessa maneira, foram produzidos 3 zines de 4 páginas cada, dessa forma, a impressão será somente da capa (primeira página) que contém um QR Code que, através da câmera do celular, redireciona a pessoa ao link do drive cujo restante do conteúdo do zine está presente.

Com isso, conseguimos, além de abordar todo o conteúdo preestabelecido manter a estética e a ideia do movimento de uma forma atualizada que condiz com a atualidade.

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO

a) Escolha do programa

Para produzir a série de Zines utilizei principalmente o Adobe Illustrator e o Photoshop. O Illustrator para fazer os desenhos e a logo e o Photoshop para colocar textura, editar as fotos e diagramar o layout.



b) Paleta de Cores

A paleta utilizada foi baseada nas cores do próprio movimento, sendo assim, as cores predominantes são: preto, branco, cinza, vermelho e laranja; abaixo podemos conferir seus códigos e padrão RGB e CMYK.



LARANJA:

☐ R:	241	☐ C:	0%
☐ G:	109	☐ M:	68%
☐ B:	42	☐ Y:	86%
#	F16D2A	☐ K:	0%

VERMELHO:

☐ R:	255	☐ C:	0%
☐ G:	11	☐ M:	94%
☐ B:	11	☐ Y:	90%
#	FF0B0B	☐ K:	0%

BRANCO:

☐ R:	255	☐ C:	0%
☐ G:	255	☐ M:	0%
☐ B:	255	☐ Y:	0%
#	FFFFFF	☐ K:	0%

PRETO:

☐ R:	0	☐ C:	91%
☐ G:	0	☐ M:	79%
☐ B:	0	☐ Y:	62%
#	000000	☐ K:	97%

CINZA:

☐ R:	78	☐ C:	62%
☐ G:	78	☐ M:	52%
☐ B:	78	☐ Y:	50%
#	4E4E4E	☐ K:	47%

c) Imagens

As imagens utilizadas na produção das Zines foram todas retiradas da internet, de blogs que tratam do assunto como o “Moda de Subculturas”, além de portais de notícias do mundo da música como “Last Fm”, “89 A Rádio Rock”, “Tenho Mais Discos que Amigos” e, por fim, de jornais e revistas online como “Rolling Stone” e “The New York Times”.

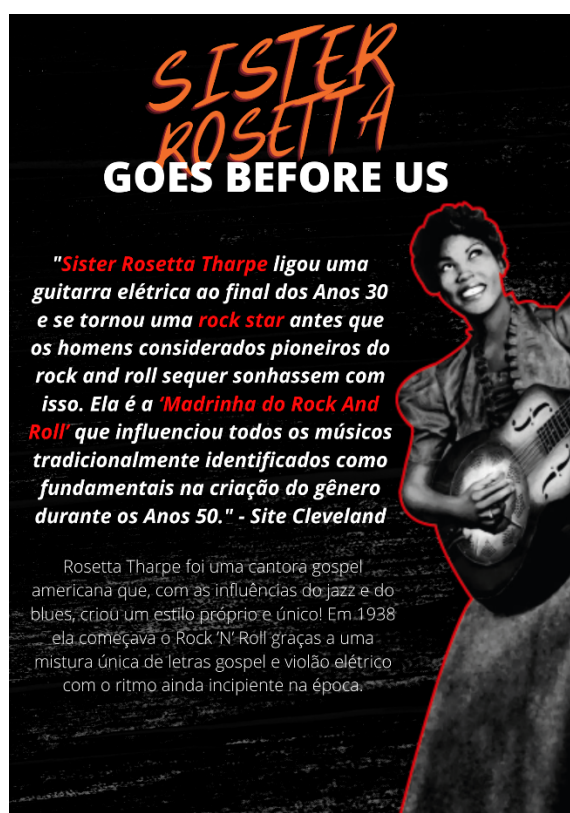
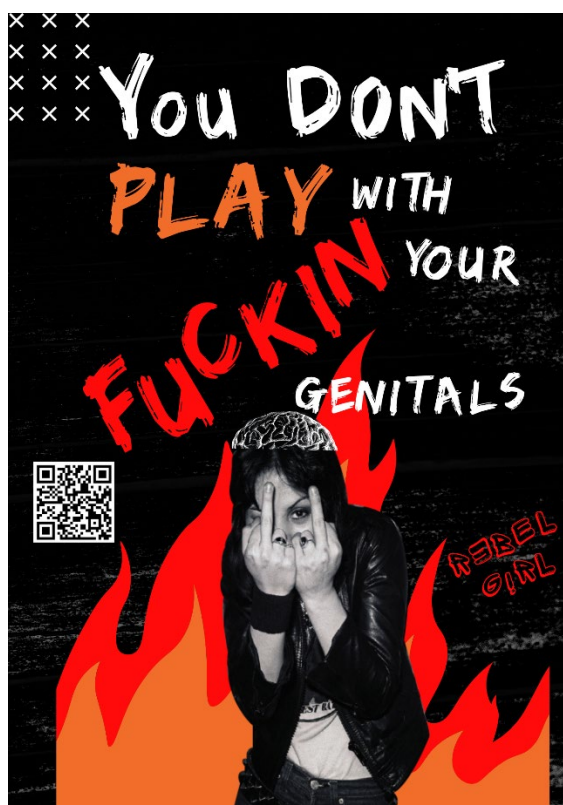
d) Teste de impressão

A princípio a ideia era de realizar a impressão das capas das Zines em folha sulfite, porém, após testes, constatei que não era a melhor opção, já que a folha não permitia que as cores ficassem tão nítidas. Por isso, a impressão foi realizada no papel couché, 90 g/m². Nesta impressão as cores ficaram mais reais e a nitidez das imagens ficaram melhores.

6. PROCESSO DE VERIFICAÇÃO

Após as etapas de produção foi possível produzir uma série de 3 zines, cada um com uma temática diferente e complementar (Figuras 7, 8 e 9).

Figura 7 – Rebel Girl Zine: You don't play with your fuckin genitals





Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1vI6agBWWNm9b7DUpBJkPdtfsfssFSSlwUp>>

Figura 8 - Rebel Girl Zine: Imma Riot Bitch

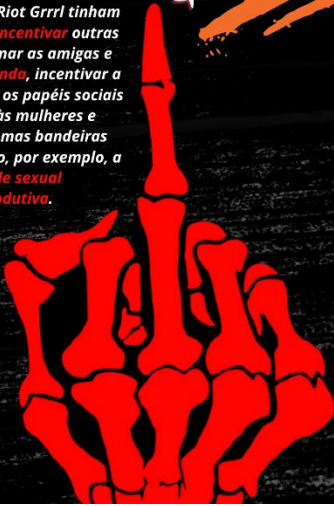


PUNK ROCK

*is not only
for your
BOYFRIEND*

"As garotas do Riot Grrrl tinham como objetivo *incentivar* outras garotas a chamar as amigas e *montar uma banda*, *incentivar a discussão* sobre os papéis sociais reservados às mulheres e *defender* algumas bandeiras feministas como, por exemplo, a *liberdade sexual* e *reprodutiva*."

Para alcançar este objetivo elas faziam o uso de um discurso de *forte carga emocional*, característico do punk rock, defendendo a *amizade* entre garotas para *superação* de barreiras comuns." (RODRIGUES, 2006)



GIRLS TO THE FRONT

A banda *Bikini Kill* costumava mandar os garotos para trás da fila e chamar as meninas mais perto para distribuir seus zines – "*Girls to the front*".

A vocalista Kathleen Hannah fazia muitos shows com slogans machistas rabiscados pelo corpo, como *SLUT* (vagabunda), o que inspirou muitas *feministas* a fazerem isso até hoje.





Disponível em:

<<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1EIM8aqx7DHw8M8XFvFGDB6oaB8lfeME>>

Figura 9: Rebel Girl Zine: Punk Rock Kid



AFINAL, O QUE É SER UMA

RIOT GIRL?

"Mulheres e garotas encontraram suas próprias **vazes e força** na **música, arte, literatura** e nos discursos políticos, as 'riot grrrls' começaram a reescrever e descobrir por si próprias o que significa **ser uma garota, uma feminista, uma ativista, uma música ou uma artista**. Isso abriu as possibilidades de compartilhar as suas **experiências**, contar suas **próprias histórias** e criar sua **própria linguagem**. A história das 'riot grrrls' é um 'insight' dentro de um momento provocativo no feminismo moderno, na **resistência jovem** e na **cultura popular**." DOWNES, 2007, p. 12.

Ser uma Riot Grrrl é ser resistência em meio a um mundo dominado pelo machismo e pelos homens, é reivindicar seu espaço no rock, é gritar da altura que for necessária para ser escutada e entendida, é encontrar força na sororidade, é, acima de tudo, lutar pelo direito da mulher pertencer e agir da maneira que quiser.



"PORQUE EU ACREDITO COM TODO MEU **CORAÇÃO, CABEÇA E CORPO** QUE GAROTAS CONSTITUEM UMA **FORÇA REVOLUCIONÁRIA** QUE **PODEM, E IRÃO, MUDAR O MUNDO DE VERDADE.**"

- MANIFESTO RIOT GRRRL

AQUELA GAROTA PENSA QUE É A **RAINHA** DA VIZINHANÇA

EU VOU TE DAR UMA NOTÍCIA: **ELA É!**

GAROTA REBELDE, GAROTA REBELDE

QUANDO ELA FALA, EU OUÇO A **REVOLUÇÃO**

NOS SEUS QUADRS, HÁ **REVOLUÇÃO**

QUANDO ELA ANDA, A **REVOLUÇÃO** ESTÁ VINDO

NO SEU BEIJO, EU SINTO O GOSTO DA **REVOLUÇÃO**

GAROTA REBELDE, GAROTA REBELDE

- REBEL GIRL, BIKINI KILL

REBEL
GIRL



Tendo tudo isso em vista, através dos mockups apresentados abaixo podemos ver a aplicação dos Zines no ambiente digital (Figura 10) e sua presença nas ruas (Figura 11).

Figura 10



Mockup para celular

Figura 11



Mockup de todos os cartazes impressos



Mockup de aplicação na rua

7. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Após a realização do trabalho e da pesquisa, percebemos que o Zine foi, de fato, a principal forma de comunicação do movimento Riot Grrrl, já que era uma forma barata e independente de propagar a mensagem do movimento, e também divulgar os eventos, shows e encontros das riot grrls.

Em conclusão pode-se dizer que produzir uma zine fez com que eu pudesse me aproximar mais do movimento e entender quais as principais diferenças de produzir uma zine hoje em relação ao passado.

Assim, foi perceptível que, apesar de ter sido um processo independente, a utilização de softwares e aplicativos que não existiam na época do movimento fizeram com que a Zine “Rebel Girl” tenha uma imagem mais profissional que as do

movimento, além de ter tido a possibilidade da utilização e impressão das Zines em colorido.

Além disso, foi possível analisar que, a utilização dos QR Codes na capa de cada Zine fez com que não tenha sido necessário imprimir toda a série, já que o código te redireciona ao link de acesso ao restante das informações da Zine.

Por fim, produzir esse trabalho foi um tanto quanto complicado e difícil, porém, também foi fonte de grande satisfação e conhecimento para mim.

REFERÊNCIAS

A História do Movimento Riot Grrrl: Punk e Feminismo na Década de 1990.

Moda de subcultura, 2016. Disponível em

<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/05/-historia-do-movimento-riot-grrrl-punk-feminismo.html>>. Acesso em: 21 de abril de 2022.

ALCONADA, Soraya. *Reformulating The Riot Grrrl Movement: Space And Sisterhood In Kathleen Hanna's Lyrics*. Revista Clepsydra, 2021.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Viva**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BITTENCOURT, L.; GELAIN, G. **Faça você mesma!: #Riot Grrrl e as estratégias de Femvertising no Instagram**, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/337199947_Faca_voce_mesma_Riot_Grrrl_e_as_estrategias_de_Femvertising_no_Instagram_-_Do_It_Yourself_Riot_Grrrl_and_Femvertising_strategies_on_Instagram_Revista_Latitude_2018_Dossie Acesso em: 20 de mar de 2022.

BLAUD, C. F. (2021). Marie de Gournay e Simone de Beauvoir: **notas sobre memória e história. Cadernos De Ética E Filosofia Política**. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p203-213> Acesso em: 24 de mai de 2022.

BORGUEZAN, D., & BAZZANELLA, S. L. (2015). **RESENHA: MÍSTICAS FEMININAS**. O livro que inspirou a revoltadas mulheres americanas. Caderno Espaço Feminino. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/29582>.

BOSMAN, Julie. **A Grrrl's Life**. The New York Times, 2013. Disponível em: <http://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2013/05/19/magazine/look-riotgrrrl.html> Acesso em: 20 de mar de 2022.

CHACON, Paulo Pan. **O que é rock?** São Paulo: Nova Brasiliense, 1985.

D'ANGELO, Helô. Mary Wollstonecraft, **autora de um dos primeiros textos feministas**. Revista Cult, 2017. Disponível em:

<<https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/>> Acesso em: 24 de mai. de 2022.

DAVIS, Angela, 1944- **Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico]** / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. recurso digital.

DOWNES, Julia. "Riot Grrrl: The Legacy and Contemporary Landscape of DIY Feminist Cultural Activism," in Monem, Nadine (ed.), *Riot Grrrl. Revolution Girl Style Now!*, London: Black Dog Publishing, 2007, pp. 12-52.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**, 2008.

FRAISSE, Geneviève (1989). *Muse de la raison: la démocratie exclusive et la différence des sexes*. Paris: Gallimard.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História Do Feminismo**, 2015, 3. ed.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa, 2008.

GOUGES, Olympe. **Declaração dos Direitos da Cidadã e da Mulher**, 1791.

GRADY, Constance (2018). *The waves of feminism, and why people keep fighting over them, explained*. Vox. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/3/20/16955588/feminism-waves-explained-first-second-third-fourth>> Acesso em: 24 de mai. de 2022.

HANNA, Kathleen. “**Gen X Survivor: From Riot Grrrl Rock Star to Feminist Artist**,” in Morgan, Robin (ed.), *Sisterhood Is Forever. The Women’s Anthology for a New Millenium*. New York: Washington Square Press, 2003, pp. 131-137.

LUCCHESI, Flávia. **Uma Máquina de Guerra**, 2018.

McWEBB, Christine. **Debating the Roman De La Rose: A Critical Anthology**. Florence: Taylor and Francis, 2013.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem as coisas**. São Paulo: MartinsFontes, 2008.

NICHOLSON, Linda (2013). *Feminism in “Waves”: Useful Metaphor or Not?*. In: McCann, C. R. & Kim, S.-K. (eds.). *Feminist Theory Reader: Local and Global Perspectives*, (3rd ed.). Nova Iorque: Routledge.

OFFEN, Karen (1988). *Defining Feminism: A Comparative Historical Approach*. *Signs*, vol.14, nº1.

OLIVEIRA, A. N.; CASTRO, J. L.; CASTRO, K. L. **A moda como objeto de informação: o caso do Movimento Feminista Punk Riot Grrrl**, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014. 223.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico**, 23 ed. rev. e atual – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adoliran. **Mobilização Social e o Ciberativismo**: Contribuições da Cultura Digital para Transformação Social, 2021.

SOUSA, Ruan. Sor Juana Inés de la Cruz, **uma feminista barroca**. Época, 2018.

Disponível em: <<https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.html#:~:text=Sor%20Juana%20In%C3%A9s%20de%20la%20Cruz%20foi%20um%20dos%20expoentes,pela%20contradi%C3%A7%C3%A3o%20e%20pelo%20exagero.>> Acesso em: 24 de mai. De 2022.

ZIRBEL, Ilze (2007). **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**.

(Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis).

Recuperado de:

<https://www.academia.edu/3598911/Estudos_feministas_e_estudos_de_g%C3%A3o_no_Brasil>.

ZIRBEL, Ilze. **Ondas do Feminismo**. Blog Unicamp. Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/> Acesso em: 24 de mai. De 2022.

ANEXO

RIOT GRRRL MANIFESTO

Texto: **Kathleen Hanna**

Tradução: **Carla Duarte**

Manifesto Riot Grrrl

PORQUE nós garotas desejamos fazer discos e livros e fanzines que falem a NÓS e que NÓS nos sentimos incluídas e possamos entender isso de nossas próprias maneiras.

PORQUE nós queremos facilitar para garotas verem/ouvir o trabalho uma das outras, para que a gente possa compartilhar estratégias e criticar-aplaudir umas às outras.

PORQUE nós devemos assumir os meios de produção para criarmos nosso barulho.

PORQUE vendo nosso trabalho como sendo conectado com as vidas reais e as políticas das nossas amigas é essencial que entendamos estamos impactando, refletindo, perpetuando ou ROMPENDO com o status quo.

PORQUE nós reconhecemos fantasias da Revolução de Machos Armados como mentiras impraticáveis para apenas nos manter sonhando, ao invés de nos tornarmos nossos sonhos E ASSIM procurar criar uma revolução em nossas próprias vidas, todos os dias, ao visualizar e criar alternativas a merda do caminho cristão capitalista de fazer coisas.

PORQUE nós queremos e precisamos encorajar e sermos encorajadas em face de todas as nossas inseguranças, em face do macho-roqueiro-cerveja que nos diz que nós não podemos tocar nossos instrumentos, em face das “autoridades” que dizem que nossas bandas/zines/etc são as piores nos Estados Unidos e

PORQUE nós não queremos assimilar o padrão de outra pessoa (garotos) de o que é e o que não é.

PORQUE nós estamos sem vontade de hesitar diante as alegações que nós somos reacionárias “sexismo reverso” e não AS GUERREIRAS COM ALMA PUNK ROCK QUE NÓS SABEMOS que nós somos de verdade.

PORQUE nós sabemos que a vida é muito mais do que sobrevivência física e nós estamos muito cientes que a ideia do punk rock “você pode fazer o que quiser” é crucial para a chegada da revolução de garotas que nós buscamos para salvar a vida psíquica e cultural de garotas e mulheres de todos os lugares, de acordo com os termos delas, não os nossos.

PORQUE nós estamos interessadas em criar formas não hierárquicas de ser E fazer música, amigos e comunidades baseadas em comunicação + entendimento, ao invés de competição + bom/ruim categorizações.

PORQUE fazendo/lendo/vendo/ouvindo coisas legais que validam e nos desafiam podem nos ajudar a ganhar força e senso de comunidade que nós precisamos, para entender como merdas como racismo, capacitismo*, etarismo, especismo, classicismo, padrões de beleza*, sexismo, anti-semitismo e heterossexismo funcionam em nossas vidas.

PORQUE nós vemos apoio a comunidade de garotas e garotas que são artistas de todos os tipos integralmente a esse processo.

PORQUE nós odiamos o capitalismo de todas as formas e temos como nosso principal objetivo compartilhar informações e nos mantermos vivas, ao invés de dar lucros sendo legal de acordo com os padrões convencionais.

PORQUE nós estamos com raiva da sociedade que nos diz que Garotas = Idiotas, Garotas = ruim, Garotas = fracas.

PORQUE nós não estamos dispostas a permitir que nossa raiva real e válida seja espalhada e/ou jogada contra nós via sexismo internalizado, como nós temos visto no ciúme entre garotas e comportamentos auto-destrutivos.

PORQUE eu acredito com todo meu coração cabeça corpo que garotas constituem uma força revolucionário que podem, e irão, mudar o mundo de verdade.

FONTE: Kathleen Hanna lê o Manifesto Riot Grrrl. DUARTE, Carla, 2015. Disponível em <<http://ovelhamag.com/kathleen-hanna-le-o-manifesto-riot-grrrl/>>. Acesso em: 07 de maio de 2022.